

Dissertação: "Jogo de espelhos: vida e morte em **Reunião de Família**", de Lya Luft
(resumo)

Um olhar sobre Reunião de Família, de Lya Luft

Mônica de Castro Wagner

Lya Felt Luft, gaúcha de Santa Cruz do Sul, mudou-se para Porto Alegre com aproximadamente dezessete anos e lá se formou em Pedagogia e Letras, tornando-se, mais tarde, professora universitária de Linguística.

Nesse ínterim, já publicava crônicas no jornal **Correio do Povo** e, concomitantemente, iniciou o seu trabalho de tradutora de autores como Rainer Maria Rilke, Virginia Woolf, Thomas Mann, Günter Grass, Norman Mailer, entre outros. Além das traduções e das crônicas, Lya também escreveu (e ainda escreve) poesias e romances e crônicas (ver bibliografia da autora no final deste trabalho). Esses últimos focalizam personagens — em sua maioria mulheres — num momento de crise. A morte de um ente querido, o esgotamento de uma relação amorosa, a tentativa de solucionar problemas familiares são pretextos para que as personagens, após atravessarem situações limites, lancem um outro olhar sobre suas vidas.

No entender de Regina Zilberman (1), as personagens de Luft são infelizes porque não correspondem ao que os outros esperam delas, nem ao que planejam para si mesmas, até o momento em que a crise irrompe e o passado é posto a nu, possibilitando, assim, a descoberta de um eu profundo, até então encoberto pela máscara social, resultado de uma formação rígida e, muitas vezes, sem amor.

Com suas frases curtas, claras, mas não menos profundas, Lya constrói um texto onde se entrelaçam bem e mal, amor e ódio, prazer e nojo, agressividade e passividade, enfim, vida e morte. Entretanto, o texto de Lya vai além de uma simples visão maniqueísta; a autora traduz, na eficácia de sua linguagem, na contenção de sua palavra, a dor humana, a dor de quem enfrenta a morte. Esses textos destroem certezas, instigam, fazem refletir. Por esses motivos, escolhemos, como objeto de análise, o terceiro romance da autora gaúcha, **Reunião de família** (1982), que, junto com os dois primeiros — **As parceiras** (1980) e **A asa esquerda do anjo** (1981) — compõem a chamada trilogia (2) familiar que, para alguns críticos, estabelece uma seqüência ou relação de continuidade (3) entre as três obras citadas.

Não há, porém, neste trabalho, intenção de questionar se existe ou não essa ligação ou continuidade entre os três romances, apesar de não se perder de vista o fato de que **RF** esclarece as obras anteriores, reforçando temas explorados por Lya Luft, nos dois primeiros romances, como a questão do feminino, da memória, da vida e da morte. Entretanto, o terceiro romance se diferencia das obras anteriores por não haver nele, como nas duas primeiras, uma árvore genealógica bem determinada, nem sequer, na verdade, o nome do pai e da mãe de Alice, a protagonista de **RF**.

A autora parte de um enredo aparentemente simples para discutir certas questões, referentes às relações humanas. Tudo se passa durante um fim-de-semana, quando Alice deixa o marido e filhos para visitar a casa do pai. O objetivo da protagonista é participar de uma reunião, convocada pela cunhada, Aretusa, para tentar solucionar o problema da irmã de Alice, Evelyn, que parece ter enlouquecido após a morte de seu filho único,

Cristiano. A mãe não aceita a morte trágica da criança e age como se o menino ainda estivesse vivo. Outras personagens também participam do encontro : o pai da protagonista, decrépito e senil, chamado de Professor; Renato, o irmão de Alice que mais sofreu com os castigos paternos; Bruno, marido de Evelyn, e a velha empregada, Berta, que vive com a família desde a morte da esposa do Professor.

Na casa paterna, entre paredes mofadas e corredores sombrios, segredos são revelados, lembranças rejeitadas começam a vir à tona, assim como as raízes de um álamo decepado que insiste em brotar entre as lajes do pátio.

Durante a reunião, fica visível que todas as personagens possuem um lado oculto que se revela quando os conflitos/confrontos acontecem. A partir da explosão desse lado avesso, a protagonista vai revivendo a sua própria história e desvelando esse outro lado até então encoberto pela máscara social que a transformou em uma pacata dona-de-casa.

Mas não é só Alice, através de suas lembranças, a única a desvelar os avessos; outras personagens assumem a própria voz e, ao serem lançadas umas contra as outras, revelam também o lado obscuro da protagonista. Embora todas as mulheres possuam posições especulares distintas, não se pode negar a configuração de um jogo de espelhos, no qual as personagens projetam umas nas outras suas frustrações, suas derrotas, seus avessos.

Alice tem , entretanto, medo desse avesso; mas, à medida que a memória é destravada, ela entra também nesse jogo de reflexos/jogo de espelhos.

Dessa maneira, Lya Luft traduz as dificuldades vivenciadas por aquela mulher que, na busca e afirmação de um caminho autônomo, na busca de um lugar à mesa, tenta responder às perguntas: "quem sou eu?" "quem somos nós?" "o que somos?" "por que somos?"

A personagem, portanto, vai à procura daquilo que dá sentido à vida e, paradoxalmente, o que dá sentido à vida é a morte; a morte torna a vida urgente. Essa é a grande fascinação de RF que se estrutura sobre o par vida e morte. A opção pela palavra par — e não outra, como pólo(s), por exemplo — deve-se ao fato de considerarmos vida e morte idéias complementares e não, opostas.

Ao falarmos inicialmente de morte não estamos só nos referindo às físicas — a de Cristiano e a da mãe de Alice — mas também a um outro tipo de *morte* que, no momento, interessa-nos mais: a precária e aparentemente linear existência das personagens de RF. A isso denominamos hibernação familiar.

Hibernação é, na verdade, um repouso, um entorpecimento ou sono letárgico de certos animais ou vegetais durante o inverno. Quando essa estação chega, os alimentos tornam-se escassos e, para sobreviver, alguns bichos procuram regiões de clima mais benigno; uns, como os ursos, dormem até que o frio passe e outros, como os caracóis, não somente se ocultam, "mas também se encerram em sua concha, tapando-a com um opérculo (uma espécie de tampa) que fabricam com a baba e sais de carbonato de cálcio, segregados pela concha." (4)

Ao falarmos de hibernação não estamos pensando tanto nesse sono reparador, que protege os animais do frio e os ajuda a sobreviver durante o inverno; pensamos, sim, no próprio ato de hibernar, de se isolar durante um longo período, de permanecer nesse torpor por muito tempo. Assim é a hibernação de Alice e seus familiares: cada qual encerrado em sua concha doméstica, isolado do mundo, fechado em si mesmo, sem se preocupar em cultivar ou resgatar laços familiares. Esse estado de hibernação faz com

que a família permaneça (ou pareça) estabilizada, sem conflitos, sem confrontos. A hibernação familiar, portanto, leva ao estabelecimento de um contrato social de boa vizinhança, firmado inconscientemente entre as personagens, de maneira que possam (sub)existir, pacificamente, como uma família comum, sem, no entanto, deixar vir à tona emoções, medos, desejos mais recônditos, que, uma vez lançados à superfície, desestabilizariam a tão inconsistente *ordem* familiar. Esse estado de hibernação tem, por conseguinte, mais a ver com *morte* do que propriamente vida e, antes da reunião, é uma constante na família do Professor.

Vejamos como isso se estabelece entre as personagens.

Alice, a narradora, apresenta-se como uma acomodada e pacata dona-de-casa, submetida à autoridade do marido. Seu universo limita-se às paredes de sua casa, à mesmice cotidiana. Mantém pouco contato com os irmãos e o pai enfermo.

Evelyn, irmã de Alice, antes de perder o filho Cristiano, de sua união com Bruno, era uma mulher obcecada por ordem e eficiência, incapaz de fortes emoções; só perdia um pouco a rígida postura na presença do filho.

Renato, o único irmão, é um homem fracassado, resignado e infeliz. Sua esposa, Aretusa, é uma professora emancipada que, às vezes, humilha o marido em público, pois é ela quem, quase sempre, sustenta a casa.

Nas lembranças de Alice, surge um pai inflexível e solitário; não demonstra pelos filhos o mínimo amor e lhes impõe uma disciplina militar, à base de castigos cruéis.

Finalmente, sem laços consanguíneos, mas morando há anos com a família, temos Berta, a velha empregada, que, após a morte da esposa do Professor, cuidou dos três irmãos (Alice, Renato e Evelyn), abdicando, assim, de viver a própria vida.

O que acabamos de descrever não foge aos possíveis padrões de uma família comum; no entanto, todas as personagens possuem um lado avesso que, por várias razões, pretendem ocultar. Essa face obscura estaria submersa nas "paradas águas da rotina" (p.11) e só se desvela quando todos se reúnem num fim-de-semana, na casa paterna, para discutir sobre a incipiente loucura de Evelyn, que não aceita a morte do filho e age como se a criança ainda estivesse viva.

Para falar mais sobre esse avesso, vejamos as acepções dessa palavra no dicionário:

Averso (ê). [Do lat. Adversu] Adj. 1. Contrário, inverso, oposto: o *lado avesso da costura*. 2. Mau, adverso: *A sorte foi-lhe avessa*. S.m.3. A parte oposta à principal, ao lado direito [v. direito (19)]; reverso, avesso: *o avesso do tecido; o avesso do casaco*. 4. Aquilo que está oculto no caráter ou na índole das pessoas. 5. O lado mau. 6. Erro, incorreção, defeito. (...) (5)

O avesso, em RE, corresponde, em princípio, ao verbete 4, ou seja, é algo que está escondido no caráter ou índole das pessoas. Porém, ao nos referirmos a caráter, é necessário esclarecer que não pretendemos fazer nenhum julgamento moral ou ético a respeito do avesso das personagens de RE. Sendo assim, não estamos afirmando que esse lado oculto é mau, adverso (verbo 2); diremos apenas que é o outro lado da hibernação; portanto, um e outro são faces de uma mesma moeda. Isso quer dizer que, apesar de as personagens tentarem ocultar o seu avesso, ele está lá, à espera do momento de emergir. Logicamente, quando um lado vem à tona, o outro se esconde; mas é importante frisar:

ambos, hibernação e avesso, estão dentro de cada personagem e é através da interligação, do inter-relacionamento dessas duas forças que são moldadas as relações familiares.

O avesso das personagens ganha espaço, no cotidiano, através do aflorar de emoções contidas que vão abrindo fendas profundas nas relações familiares. Desse modo, inicia-se, com a reunião, um ritual de passagem para todas as personagens: da morte para a vida; da hibernação para o avesso.

Antes de nos aprofundarmos nesse rito de passagem, é importante nos atermos ao fato de que **Reunião de Família** não foi o único título conjecturado por Lya Luft. A autora pensou em "Jardim das Herpérides", "Labirinto de espelhos" ou "Jogo de espelhos"(6). Não optou por esses porque buscava algo mais simples. Simples? Nem tanto... Só poderemos compreender esse rito, se aceitarmos o jogo de espelhos de RF.

Tanto no início quanto no final do romance, há referências ao desejo da protagonista de colocar, na sala, um espelho grande para dar a impressão de mais espaço. Desse modo, a autora proporciona ao leitor a sobreposição do fim ao princípio, como se houvesse um espelho, frente ao outro, de modo que as imagens refletidas pudessem se multiplicar infinitamente.

No entender de Nelly Novaes Coelho, a mesma cena, no início e no final do romance, "mostra a inevitável repetição da mesmice cotidiana", sem nenhuma possibilidade de mudança para as personagens, que estariam condenadas a repetir, incontavelmente, o seu destino estéril, traçado contra a vontade desses seres (7).

Não desconsideramos a opinião de Nelly Novaes Coelho — que, por sua vez, coincide com o ponto de vista de Carmen Chaves McClendon (8) e Lygia Averbuck (9) — no que se refere à construção das seguintes personagens: Aretusa, Renato, Bruno, Evelyn, o Professor e Berta. No entanto, excluimos Alice desse grupo, pois o que propomos é uma outra leitura para o final tão irredutível dessa personagem que, segundo as autoras citadas, retorna à mesmice, onde não há saídas.

Por nos darmos conta do estilo luftiano de abrir espaços para o leitor, permitindo assim que, de acordo com a vivência pessoal, sejam feitas inúmeras interpretações de suas obras, como em **As parceiras** (1980), **Exílio** (1987) e **A sentinela** (1994) — onde o destino das protagonistas Anelise, a doutora e Nora, respectivamente, é ambíguo ou ainda está por se definir —, é que nos sentimos à vontade para discutir uma mudança possível (e bem sutil) da personagem Alice. A partir dessa modificação, somos levados a afirmar que a protagonista, após o confronto familiar, não é mais a mesma mulher e, por isso, pode escolher em que direção seguir: retornar à sua vida estéril ou, por outro lado, tornar-se mais consciente de si e, conseqüentemente, assumir outros papéis, diferentes daquele que lhe fora imposto pela sociedade: o de ser somente uma pacata dona-de-casa.

Portanto, mesmo nos dando conta da possibilidade lógica desse final irredutível, estamos querendo falar de opções. Pensamos que a autora capta um momento da existência dessa personagem que, após transpor a linha limítrofe entre hibernação e avesso, pode, enfim, optar por seguir seu rumo: ciclicamente, sempre voltando ao início, ou caminhando em espiral, tornando-se uma nova mulher.

Por fim, é importante nos darmos conta do jogo de espelhos em RF. Com ele, morte e vida tornam-se reflexos de reflexos de reflexos e, assim, podemos dizer que esse par primordial desdobra-se em outros: hibernação e avesso, esquecimento e lembrança, passividade e agressividade e, no caso específico de Alice, narcisismo e castração.

A transposição de um lugar (morte) para outro (vida) proporciona a cada personagem a chance de obter possíveis (e não definitivas) respostas às perguntas "quem sou eu?", "quem somos nós?"; ou, por outro lado, caso não vislumbrem saídas, conviver com a angústia: "sou?", "somos?".

Ultrapassar essa linha tênue entre a morte e a vida é participar desse jogo de RF. É assim que Alice vai tentar buscar o seu espaço, a sua (re)constituição como sujeito, o seu lugar à mesa. Através do espelho da memória, ela tenta vislumbrar o quem sou eu.

Lya, por fim, produz uma obra instigante que, de certa maneira, é também especular, pois reflete a própria condição humana; reflete, assim, nossa dor diante da morte e nossa urgência diante da vida.

Nesse percurso, algumas direções teóricas foram fundamentais: Umberto Eco, Regina Zilberman — em sua leitura de H.R. Jauss — Lygia Averbuck, Carmen Chaves McClendon, Lúcia Castello Branco, Hélio Pellegrino, Maria Rita Kehl, entre outros.

É necessário esclarecer que, ao usarmos a psicanálise como suporte teórico, em parte do nosso trabalho, recorremos basicamente a Freud e a Lacan; mas o fizemos através do olhar de Maria Rita Kehl e de Hélio Pellegrino, que efetuam, cada qual a seu modo, uma releitura sensível dos autores acima citados.

O nosso objetivo principal foi, evidentemente, realizar uma análise literária da obra; a psicanálise, assim como a semiótica, a filosofia vieram como suportes para tecer, juntamente com textos de críticos literários ou ensaístas, nosso trabalho. Pretendemos, assim, lançar um olhar sobre RF; não um olhar fixo definitivo, estanque, mas apenas uma maneira de ver e, principalmente, sentir o texto de Luft.

Para isso, dividimos nosso estudo em seis capítulos e a conclusão. No primeiro, desenvolvemos, em linhas gerais, o que vamos tratar no decorrer do trabalho, além de pontuarmos os dois conceitos fundamentais, já mencionados, para a compreensão do mesmo: o avesso(vida) e a hibernação(morte), sobre os quais a obra se edifica.

O segundo capítulo tem enfoque mais teórico, e inicia-se com a questão do tempo: tempos verbais e, principalmente, o tempo narrativo ou cronológico. O nosso objetivo é discutir que efeitos a redução do tempo cronológico causa ao leitor de RF, já que o romance se passa durante um fim-de-semana.

No terceiro capítulo, desenvolvemos a relação tempo-memória, enfocando principalmente a memória de Alice que, ao resgatar lembranças dispersas, vai participando desse jogo de espelhos/jogo de reflexos, enfrentando seus medos, seus familiares, seus fantasmas.

O quarto capítulo revela o motivo pelo qual o jogo só tem início na casa paterna.

O quinto capítulo, além de inter-relacionar Alice, de Luft, e Alice, de Lewis Carroll, aborda a função da protagonista, como uma personagem-espelho, que reflete e refrata o seu avesso e os de outras personagens.

Finalmente, o último capítulo trata do desvelar desse lado obscuro propriamente dito; é o momento em que os avessos vêm à superfície, "arrancando máscaras, rasgando carnes, lascando unhas" (RF, p.123). O destaque fica por conta de Aretusa e Evelyn, as outras personagens-espelhos que também revelam o avesso de Alice.

Conforme já foi dito, nossa leitura para o final de RF diverge de outras possíveis leituras, como as de Nelly Novaes Coelho, Carmen Chaves McClendon e Lygia Averbuck que não vêem saída para as personagens do livro citado.

Ao contrário das críticas mencionadas, acreditamos que o destino de Alice não seja tão determinista assim, ou melhor, ainda esteja por se definir. Para nós, não há como descobrir se, após os confrontos familiares, a falsa pacata dona-de-casa retorna à mesmice cotidiana ou se torna uma nova mulher.

Não havendo meios de saber da opção de Alice, pois o romance chega ao fim sem definir caminhos, denominamos a última parte da dissertação de **(in)conclusão**, talvez uma homenagem **(in)consciente** à autora que, ao final de seus romances, deixa espaço para que o leitor, com suas crenças e desejos, possa intuir, à sua maneira, o destino da protagonista Alice.

Só nos resta convidar o leitor — que quer se aprofundar no texto luftiano — a enveredar conosco pelos labirintos de "Jogo de espelhos: vida e morte em **Reunião de Família**".

Referências bibliográficas

1. ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 13 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
2. ABREU, Caio Fernando. Uma punhalada na classe média. **Revista ISTO É**. São Paulo, n.294, p.13, ago.1982
3. FOUREAUX, José Luiz. Mulher memorial: dedilhando um teclado (ainda) desconhecido. In: **2º CONGRESSO ABRALIC**, literatura e memória cultural, V. III, 1990, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: SEGRAC 1990. P. 196-200.
4. BENTON, William. In: **ENCICLOPÉDIA BARSA**. São Paulo, 1971. V.7, p.290.
5. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. Ver. Aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. P. 207.
6. Sobre a escolha do título, encontramos ainda um comentário de Carmen Chaves McClendon, em seu artigo "O espelho e a realidade em RF ", onde a autora diz que Lya Luft, por várias vezes, havia comentado que o título de RF seria "Jogo de espelhos", "mas que mudou quando parecia muito esclarecido o seu objetivo". (p.7).
7. COELHO, Nelly Novaes. Reunião de Família; um jogo de espelhos. **Suplemento literário**. Belo Horizonte: Minas Gerais, n.854, fev. 1983.
8. McCLENDON, Carmen Chaves. O espelho e a realidade em **Reunião de Família. O Eixo e a Roda**. Belo Horizonte: FALE/UFGM, v.4, s/n, nov. 1985.
9. AVERBUCK, Lygia. O texto e o palimpsesto: o registro cultural feminino na obra de Lya Luft. **Suplemento literário**. Belo Horizonte: Minas Gerais, n. 860-861, mar. 1983.

Bibliografia da autora

Prosa:

- LUFT, Lya. **As parceiras**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1980.
_____. **A asa esquerda do anjo**. São Paulo: Siciliano, 1981.
_____. **Reunião de Família**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
_____. **O quarto fechado**. São Paulo: Siciliano, 1984.
_____. **Exílio**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
_____. **A sentinela**. São Paulo: Siciliano, 1994.
_____. **O ponto cego**. São Paulo: Mandarim, 1999.
_____. **Histórias do tempo**. São Paulo: Mandarim, 2000 .

Poesia:

- LUFT, Lya. **Mulher no palco**. São Paulo: Siciliano, 1984.
_____. **O lado fatal**. 4 ed. São Paulo: Siciliano, 1988.

Reflexões:

- LUFT, Lya. **O rio do meio**. São Paulo: Mandarim, 1996.
_____. **Secreta mirada**. São Paulo: Mandarim, 1997.

Observação: as obras **Canções de limiar** (poesia, 1962), **Flauta doce** (poesia, 1972) e **Matéria do cotidiano** (crônicas, 1978) não foram mais editadas.